

ECO FASHION: UMA NOVA TENDÊNCIA DE MODA¹

Neide Köhler Schulte²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados da pesquisa Eco Fashion: consolidação de uma tendência ecológica na moda no período de 2005 a 2008. A pesquisa teve como objetivo identificar requisitos para consolidar uma tendência ecológica para Moda. Serviu de suporte teórico para o Programa de Extensão EcoModa que desenvolve atividades, com a comunidade da Grande Florianópolis, que relacionam moda e meio ambiente. Os resultados são apresentados e divulgados em outras cidades do estado de Santa Catarina, em outros estados e no exterior, na forma de desfiles, palestras e exposições.

PALAVRAS-CHAVE: Moda; Meio ambiente; Tendência ecológica; Programa de extensão.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa ‘Eco Fashion: consolidação de uma tendência ecológica na moda’ teve como objetivo identificar requisitos para consolidar uma tendência ecológica para moda, e novas propostas de moda que trabalham com uma perspectiva ecológica, procurando estabelecer um consumo consciente.

Este artigo apresenta inicialmente o conceito de sustentabilidade ambiental e sua implicação para o desenvolvimento humano, partindo do princípio de que é imperativa a necessidade de considerar os impactos ambientais causados pelas atividades humanas.

A partir do conceito de sustentabilidade ambiental são apresentadas propostas de estilistas, marcas e ações com a comunidade para formação de uma consciência para novas possibilidades que desenvolvem produtos de moda que agregam o conceito de ‘ecologicamente correto’. Na UDESC³ é desenvolvido o Programa de Extensão EcoModa, apresenta-se as principais atividades desenvolvidas na comunidade da Grande Florianópolis, no período de 2005 à 2008, e finaliza-se com as considerações sobre as atividades desenvolvidas na pesquisa articulada com a extensão.

2 ECO FASHION: CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

1 Pesquisa Eco Fashion: consolidação de uma tendência ecológica na moda

2 Neide Köhler Schulte – Departamento de Moda

3 Universidade do Estado de Santa Catarina

O conceito de sustentabilidade foi inventado a mais de trinta anos para sugerir que era possível conseguir o crescimento econômico e a industrialização sem destruir o meio ambiente⁴.

O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades⁵. Esta definição trata de dois pontos fundamentais: o problema da degradação ambiental, que geralmente acompanha o crescimento econômico, e a necessidade que esse crescimento contribua para reduzir a pobreza.

O desenvolvimento sustentável implica em três grandes desafios para a humanidade. Primeiro: garantir a disponibilidade de recursos naturais transformados em bens e serviços necessários no cotidiano. Segundo: não lançar sobre a biosfera do planeta substâncias tóxicas, resíduos e poluição, decorrentes da produção e uso de bens e serviços em quantidades e velocidades superiores à capacidade de auto-depuração da natureza. Terceiro: reduzir a pobreza mundialmente⁶.

Apesar de mais de três décadas de preocupação com a sustentabilidade, continua a redução dos recursos naturais em quase todo planeta, assim como os problemas da pobreza. Ou seja, os desafios da humanidade para atingir um desenvolvimento sustentável ainda parecem distantes da superação.

Qual seria a razão para um processo tão lento da assimilação de uma mudança da relação do homem com o meio ambiente, de respeito e de valorização, tão necessária para o futuro da humanidade, seria a visão antropocêntrica?

A definição de sustentabilidade ambiental é antropocentrista: futuras gerações de pessoas possuem tanto direito a viver fisicamente seguras e saudáveis como as pessoas das presentes gerações. Cada ser humano está sob uma obrigação de não permitir que o meio-ambiente natural se deteriore a ponto que seja comprometida a sobrevivência e bem-estar dos futuros habitantes humanos da terra. Também possui um dever de conservar os recursos naturais para que as futuras gerações possam usufruir dos muitos benefícios derivados desses recursos. A responsabilidade presente de proteger espécies selvagens ameaçadas está ligada aos valores humanos. Além do mais, algumas vezes é argumentado que a variedade de espécies de plantas e animais é necessária para desenvolver novas maneiras de proteger os humanos de doenças, a se livrar de bactérias perigosas, de aprender como controlar certos insetos e outras ‘pes-

4 Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972. LEMOS e BARROS 2007, pg 19.

5 Definição da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, publicado em 1987. LEMOS e BARROS 2007, pg 9.

6 LEMOS e BARROS 2007, pg 9 - 11.

tes⁷ e produzir novas fontes de comida por meio da engenharia genética. Os humanos também possuem uma obrigação de preservar a beleza da natureza selvagem para que as futuras gerações possam ter tanta oportunidade de experimentar e apreciar essa beleza, como presente. Seria injusto destruir as maravilhas naturais do mundo e que deixar apenas lixo para que os outros contemplem. Além do mais, um sistema inteiro de padrões e regras governando a conduta no presente em relação ao ambiente natural da terra pode ser formada apenas a partir dos interesses e necessidades humanos⁷.

A partir do ponto de vista da teoria biocêntrica da ética ambiental, por outro lado, as obrigações para a natureza não se sustentam pelas obrigações com os humanos. A ética ambiental não é uma subdivisão da ética humana. Embora muitas das ações estejam corretas de acordo com uma teoria biocêntrica, há o que torna essas ações corretas no caso de um jogo completamente diferente de considerações. Os princípios morais envolvidos são fundamentalmente separados e distintos. Os dois pontos de vista, um sistema ético antropocêntrico ou biocêntrico, nem sempre possuem os mesmos resultados. Isso implica numa diferença prática na forma como os humanos tratam o ambiente natural. Quando um ponto de vista biocêntrico é tomado, as obrigações e responsabilidades a respeito dos animais selvagens e plantas da Terra são vistos para levantar certas relações morais entre os humanos e o mundo natural. O mundo natural não é simples como um objeto a ser explorado pelos humanos, assim como também não são criaturas que podem ser utilizadas como nada mais que recursos de uso e consumo⁸.

É comum a crença de que a existência do ser humano é mais valiosa do que a existência de um animal ou planta. Humanos vivem em um plano superior, possuem uma dignidade e um valor que estão ausentes em outras formas de vida, algo mais importante, algo de maior valor é perdido para o mundo quando morre um ser humano que não é perdido para o mundo quando um leão, uma serpente, ou uma árvore morre. Esta idéia é tão profundamente enraizada em várias culturas, que é difícil pensar de forma clara e crítica sobre o assunto. Para muitas pessoas, parece perfeitamente evidente que o bem-estar dos seres humanos tem maior valor e, conseqüentemente, deve ser dada maior peso nas suas deliberações morais, além do bem-estar dos animais e plantas. No entanto, quando se busca descobrir razões objetivas que justifiquem esta crença, frequentemente, se confronta com uma metafísica obscura e acrítica.

Para que seja possível uma sustentabilidade ambiental genuína, é necessária uma visão biocêntrica da natureza. Enquanto se tratar a natureza apenas como um valor utilitário para os

7 TAYLOR, 1987.

8 TAYLOR, 1987.

humanos, sem considerar seu valor inerente, não haverá sustentabilidade ambiental. Se os princípios da sustentabilidade ambiental devem estar incorporados ao desenvolvimento humano, é preciso estabelecer um conceito mais sólido quanto ao que é ambientalmente sustentável de fato.

A visão antropocêntrica não parece adequada no século XXI, e nunca foi. Os estudos sobre uma ética ambiental biocêntrica indicam que esta visão de mundo, centrada na superioridade humana, é responsável pela degradação do ambiente natural do planeta terra, ou seja, pela grave crise ambiental que poderá limitar a existência humana, nesta e nas próximas gerações.

Diante deste contexto, do desafio de adequar o desenvolvimento econômico a preservação do meio ambiente e minimização da pobreza, da visão antropocêntrica que dirige as ações humanas e dificulta o respeito e a consideração pelas demais formas de vida no planeta, o que poderá impulsionar as mudanças necessárias para o desenvolvimento sustentável?

Para Kazazian, a natureza não tem dogma. Entender as relações dinâmicas que nela se produzem é a primeira etapa a superar para obter respostas à complexidade das dificuldades encontradas. Nesse campo de reflexão, quatro grandes dimensões interligadas podem ser consideradas. A primeira é a noção de ‘interdependência’. Cada elemento – ou cada sistema – existe pela soma de suas relações com os outros, e em uma geometria temporal – ou uma duração – que lhe é própria: ‘o tempo’, a segunda dimensão. Dela aparece a idéia de ‘ciclo’. Aparecer, desaparecer, mudar de estado para alimentar outros ciclos, é assim que a vida se compõe e se recompõe, infinitamente. Por fim, os elementos em conjunto – ou os sistemas – se desenvolvem na medida em que recebem energia, em um perpétuo fenômeno de ‘auto-regulação’⁹.

Além de entender a dinâmica da natureza é preciso desejar o desenvolvimento sustentável, a partir disso, com a criatividade humana é possível idealizar e conceber novos produtos ou serviços mais adequados, diante da crise ambiental.

Uma vez desejado o desenvolvimento sustentável é preciso entender que praticar a sustentabilidade ambiental significa cuidar de todas as coisas, das menores até o planeta inteiro e vice-versa.

Portanto, para a transição à sustentabilidade, são apontados dois caminhos:

Por caminhos traumáticos, uma transição forçada por efeitos catastróficos, que de fato obrigam a uma reorganização do sistema, a mais indolores, uma transição por escolha, isto é, como efeitos de mudanças culturais, econômicas e políticas voluntárias que reorientem as atividades de produção e consumo¹⁰.

9 KAZAZIAN, 2005, pg 28.

10 MANZINI, E; VEZZOLI, C, 2005, pg. 45.

O segundo caminho indicado, a transição por escolha, é o que está se tentando a mais de trinta anos, desde a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972. Ao que parece, o que tem acelerado a transição tem sido alguns efeitos catastróficos decorrentes das mudanças climáticas que tem ocasionado grandes enchentes, secas, tornados, entre outros. Segundo Roberts, estes efeitos também vêm comprometendo a produção de alimentos e de outras matérias primas naturais utilizados pelas indústrias.

As mudanças climáticas vão dificultar o aumento na produção de comida e acentuar a escassez de água. A alteração do clima também será um desafio para que grandes exportadores, como os Estados Unidos e o Canadá, consigam elevar sua produção. Os desafios são complexos e as respostas para eles também. Será preciso reduzir o uso de energia e de água na agricultura, ao mesmo tempo que se elevam a eficiência e a produtividade. Porém, isso não será o bastante. Seremos obrigados a comer menos¹¹.

A redução de consumo tem sido indicada por diversos pesquisadores e teóricos, inclusive de comida. Depois de um século de consumo numa escala crescente, em que várias gerações passaram a associar o aumento de consumo ao aumento do bem-estar, o processo inverso parece mais difícil.

E quando entra em questão a moda¹², a dificuldade parece se acentuar. Isto porque a moda se relaciona com o novo, com o efêmero, com mudanças cada vez mais rápidas. Com isso, há a busca frenética pela novidade e o aumento de consumo. Este sistema da moda tem grandes conseqüências ambientais que foram ignoradas durante muito tempo.

É complexa a interação entre o homem, os objetos e a natureza. É o que Capra define como uma teia interconexa de relações¹³ quando se refere ao modo como deve dar vista a natureza. Tudo está interligado. Se as tendências de moda, por sua vez, indicarem o uso de materiais orgânicos, reciclados, reaproveitados, menos poluentes, o não uso de peles de animais, entre outros, haverá uma contribuição significativa para reorientar a produção, os serviços e o consumo de moda.

Esta tendência ecológica para a moda não é apenas uma suposição. Ela já lançada e pode ser observada nas coleções de grandes estilistas internacionais.

A estilista inglesa Vivienne Westwood, considerada a mãe do punk e uma das designers mais influentes do século 20, fez um apelo para que as pessoas consumam menos e façam melhor suas escolhas de compra. A estilista de 66 anos, que lançou em São Paulo, em

11 ROBERTS, Paul. *The End of Food*. Entrevista para revista *Época* em 16/06/2008, disponível em: <http://www.linearclipping.com.br/>

12 O termo Moda neste texto se refere ao produto de vestuário.

13 CAPRA, 1996,

janeiro de 2008 durante a SPFW¹⁴, duas sandálias de plástico em parceria com uma empresa brasileira, rebate as críticas de quem a chama de ‘hipócrita’ por seu discurso anticonsumista, já que ela mesma produz coleções veneradas pelo mundo fashion. Segundo Westwood, hipócritas são as pessoas que têm dinheiro e se vestem como pobres. Eles deveriam comprar roupas bacanas, mas não muitas. Para ela, as pessoas devem discriminar mais, não ser engolidas por tudo o que se propõe. São privilegiadas porque podem escolher as roupas, mas devem escolhê-las melhor. Ela afirmou ainda que gostaria de produzir menos. "Eu realmente estou cansada de fazer tanto. Prefiro muito, muito fazer menos e fazê-lo muito bem. Só preciso descobrir como¹⁵."

Descobrir como fazer uma moda ‘melhor’, mais adequada ao contexto do desenvolvimento sustentável, tem sido o grande desafio da moda nos dois últimos anos. É uma tendência recente, ou melhor, já pode ser considerado um paradigma, se é que se pode aplicar este termo para a moda. Antes disso, a natureza aparecia nas tendências de moda apenas como tema para as cores, texturas, ou materiais.

3 SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL NA PRÁTICA: PROGRAMA ECOMODA

O Programa de Extensão EcoModa/UDESC teve início em agosto de 2005, sob a coordenação dos professores Neide Köhler Schulte e Lucas da Rosa. Surgiu a partir do projeto de extensão ‘Desenvolvimento de coleção para o 1º Veg Fashion’, que aconteceu em 2004, para atender a um convite feito por Marly Winckler, presidente da SVB - Sociedade Vegetariana Brasileira - organizadora 36º Congresso Mundial de Vegetarianismo¹⁶, para participar do evento com um desfile. O evento foi realizado em Florianópolis no Hotel *Resort* Costão do Santinho, no período de 08 a 12 de novembro de 2004. O tema proposto para o desfile foi ‘moda sem crueldade’, todas as peças confeccionadas não tinham nenhuma matéria prima de origem animal, utilizou-se também a reciclagem, o reaproveitamento e materiais com menor impacto ambiental, como o algodão orgânico.

O evento teve projeção internacional, pois o Congresso Mundial de Vegetarianismo reúne pessoas de diversos países para discutir questões relativas ao vegetarianismo: alimentação, consumo consciente, preservação ambiental, filosofia, entre outros.

A participação no evento estimulou o estudo e aprofundamento da temática Moda & Meio Ambiente dando origem a esta pesquisa e ao Programa EcoModa.

14 São Paulo Fashion Week, janeiro de 2008

15 <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/> Acesso em: 17/01/2008

16 Congresso Mundial de Vegetarianismo acontece a cada dois anos em um país diferente, em 2004 no Brasil, em 2006 na Índia e em 2008 na Alemanha.

Partindo da problemática moda e meio ambiente, que envolve uma questão sócio-ambiental, se criou o Programa de Extensão EcoModa. O objetivo é disseminar o conceito de sustentabilidade ambiental promovendo a interação entre os acadêmicos e a comunidade na busca por soluções em relação à questão sócio-ambiental e a adequação dos produtos ligados ao universo da moda para um contexto de menor impacto ambiental.

O Programa EcoModa é constituído por projetos, eventos, cursos e outras atividades como palestras, exposições, participação em programas de televisão, rádio, entre outros. A maioria das ações acontece em Florianópolis, mas participa-se de desfiles e palestras em outros estados e outros países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início das atividades do Programa EcoModa e da pesquisa Eco Fashion, os desafios identificados têm profunda relação com os desafios para a sustentabilidade ambiental. As questões ambientais estão interligadas com as questões sociais, e ambas, durante muito tempo, foram pouco consideradas diante da importância dada ao crescimento econômico. O cerne do pensamento da sustentabilidade transformou-se em três dimensões: a ambiental, a social e a econômica. Sendo que não pode haver hierarquia entre estas dimensões na busca pela sustentabilidade ambiental.

O objetivo de disseminar o conceito de sustentabilidade ambiental através da moda tem sido atingido a partir das ações realizadas pelo Programa EcoModa. A interação entre os acadêmicos e a comunidade aconteceu durante os cursos, palestras e demais atividades. Foram indicadas algumas soluções para a questão sócio-ambiental como a capacitação de jovens de comunidades em risco social, através de cursos e oficinas com atividades ligadas a moda e, a adequação de produtos de moda para um contexto de menor impacto ambiental, desenvolvidos a partir da reciclagem de materiais, customização, recuperação de roupas, entre outros. Em relação à difusão da proposta do Programa EcoModa no ambiente externo da universidade, observou-se que a extensão universitária é um ótimo meio para alcançar resultados relevantes para a questão sócio-ambiental.

Considera-se que, diante do que foi exposto, o desenvolvimento sustentável somente poderá acontecer se houverem mudanças de valores, se a visão antropocêntrica for substituída por uma visão biocêntrica em relação à natureza, considerando-se o valor de todas as vidas imparcialmente, sem especismo, ou qualquer escala de valor.

A partir do Programa EcoModa e da pesquisa Eco Fashion, a temática moda e sustentabilidade ambiental, tornou-se objeto de pesquisa para uma tese de doutorado que está em andamento.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Coltrix, 1996.
- LEMOS, Haroldo M. e BARROS, Ricardo L.P. O desenvolvimento sustentável na prática. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro das Nações Unidas para o Meio Ambiente, 2007.
- KAZAZIAN, Thierry. Haverá a idade das coisas leves: design e desenvolvimento sustentável. São Paulo: Ed. SENAC, 2005. 194 p.
- MANZINI, E; VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis. Os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- ROBERTS, Paul. *The End of Food*. 2008. Entrevista para revista Época, disponível em: <http://www.linearclipping.com.br/>, acesso em 16/06/2008.
- TAYLOR, Paul W. *Respect for Nature: a theory of environmental ethics*. 2. impress with corrections. New Jersey, Princeton: Princeton University Press, 1987
- <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/> Acesso em: 17/01/2008